

---

## O estereótipo da “personagem feminina forte” em séries televisivas Brasileiras<sup>1</sup>

Aélton Alves de Melo Júnior<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

### RESUMO:

Observando a recorrência de narrativas audiovisuais com representações do estereótipo chamado de “personagem feminina forte”, propomos, a partir de amostragens de séries brasileiras com protagonismo feminino, verificar as características que predominam neste tipo de representação. A pesquisa se inicia por breve revisão sobre narrativa, estereótipos e representações sociais. Para a amostragem das séries televisivas, limitamos em escolher três obras do gênero narrativo ação-policial e exibidas por diferentes canais. Ao verificar a conceituação do estereótipo, em questão, nas séries escolhidas, notamos repetições imagético-discursivas que apresenta mulheres duronas, pouco emocionais e que se afastam de ideais normativos de "feminilidade".

**PALAVRAS-CHAVE:** mídia; séries televisivas; personagem feminina forte; estereótipos;

### 1. INTRODUÇÃO

No campo das narrativas audiovisuais de ficção, as representações sociais caminham junto à estereótipos que podem determinar a forma como um dado personagem foi construído e apresentado. E tratando-se da representação de mulheres, observa-se na atualidade a recorrência do estereótipo chamado de “personagem feminina forte”. Este tende a afastar o feminino de concepções normativas de gênero, as aproximar de ideais, por vezes, compreendidas culturalmente como masculinas. Frente este cenário, propomos, a partir de amostragens de séries brasileiras com protagonismo feminino, verificar as características que predominam neste tipo de representação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Mídia e Cotidiano pelo PPGMC/UFF e mestre em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFCEG, aeltonjunior@me.com / aeltonmelo@id.uff.br.

---

Nos alocando junto aos estudos de narrativas televisivas seriadas, iniciamos revisando os conceitos de estereótipos e representações sociais midiáticas. Em seguida, buscando definir o estereótipo da “personagem feminina forte”, utilizamos referências bibliográficas junto a falas de profissionais do audiovisual.

Para a amostragem tomamos como base um robusto mapeamento de narrativas seriadas com protagonismo feminino<sup>3</sup>. As escolhas das séries destacadas, obedecem ao critério de serem obras de diferentes canais/plataformas de distribuição, e possuírem narrativas do gênero ação-policial. A metodologia de observação aplicada se dá a partir do episódio piloto, na qual buscaremos observar a narrativa pelo viés imagético e discursivo, tomando como norte as definições do estereótipo da “personagem feminina forte”.

## **2. ESTEREÓTIPOS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MÍDIA**

Quando falamos em estereótipos, temos em vista os processos de redução e “naturalização” de características de grupos e sujeitos representados. Enquanto estratégia ideológica da classe dominante, os estereótipos geralmente apresentam a sociedade modelos de ser, valores e visões de mundo (Castro, 2023). E tratando-se dos estereótipos de gênero na mídia de massa, em muitos casos, são representações que carregam construções sociais normativas e conservadoras.

Aliás, há muitas representações sociais de mulheres que, em seus estereótipos, apresentam propostas reducionistas do feminino, limitando-as a donas de casa, objetos de desejo, esposas/mães benevolentes, mocinhas dóceis e castas etc. Um exemplo, pelo recorte das representações de mulheres negras, Winnie Bueno (2019) nos explica o conceito de “imagens de controle” de Patricia Hill Collins, na qual destaca alguns estereótipos midiáticos que são “[...] manipulados dentro dos sistemas de poder articulados por raça, classe, gênero e sexualidade” (Bueno, 2019, p. 71)

As imagens de controle fazem parte de uma ideologia generalizada de dominação, que opera a partir de uma lógica autoritária de poder, que nomeia, caracteriza e manipula significados sobre as vidas de mulheres negras que são dissonantes daquilo que elas enunciam sobre si mesmas. (Bueno, 2019, p. 75)

---

<sup>3</sup> Nosso mapeamento de séries brasileiras (seriados, sitcons, minisséries etc.) com protagonismo feminino está disponível em: <https://filmow.com/listas/usuario/aeltonjunior/> Acesso em 11 jun. 2024.

---

Contudo, apesar dos estereótipos carregados de preconceitos e imposições patriarcais que tendem a subjugar e marginalizar o feminino, nota-se, principalmente após a década de 1990, a recorrência de personagens femininas que, de diversas formas, problematizam, avançam e questionam construções normativas de gênero. Algumas personagens com tais propostas têm sido nomeadas como “personagem feminina forte”, caracterizando um “novo” tipo de representação social fruto da contemporaneidade.

### 2.1. A personagem feminina forte em séries brasileiras

Observa-se que no Brasil a denominação do estereótipo “personagem feminina forte” aparece com maior frequência em portais de notícias, em falas de profissionais do audiovisual e especialistas em roteiro. No inglês, este estereótipo pode ser encontrada como “*Strong Female Characters*” e “*Strong Female Trope*”, que, em resumo, definem representações ficcionais de mulheres independentes e corajosas, mas que carregam algumas problemáticas conforme veremos.

A roteirista brasileira Manuela Cantuária (2024) na palestra “Desconstruindo Estereótipos Femininos na Ficção” explica que a “personagem feminina forte” (também conhecida como *Femme Furiosa*) possui características que se afastam de concepções normativas do feminino, se destacando por ser mais racional (menos emocional) e possuir habilidades ditas “masculinas” como lutar e manusear armas.

[...] o modelo de mulher forte e independente sempre se trata de um combo que traz acompanhada a insensibilidade, a ausência de demonstração de sentimentos e emoção, a busca por um afastamento da feminilidade e um tipo de grosseria, que aparentemente a valida como apta para ambientes predominantemente masculinos (FREITAS, 2019, n/p).

Podemos identificar algumas das características da citação acima, presente na protagonista da série *A Justiceira*<sup>4</sup>, exibida em 1997 na TV Globo. Protagonizada pela atriz Malu Mader como Diana, esta é uma ex-policia que em desespero, após ter seu filho sequestrado por uma organização de tráfico infantil, se junta a um grupo secreto contra crimes organizados com a finalidade de localizar seu filho<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Mais informações da série disponíveis em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/series/a-justiceira/noticia/a-justiceira.ghtml> Acesso em 25 jun. 2024.

<sup>5</sup> Ao longo da série de 13 episódios e com somente uma temporada, Diana vai se tornando a justiceira de causas que vão além da sua motivação pessoal, em especial, na defesa de grupos minorizados/marginalizados, como mulheres e a comunidade LGBTIAPN+.

---

Com cenas de perseguição e explosões, inspiradas em filmes de ação e séries policiais norte-americanas, a protagonista é apresentada como uma mulher habilidosa em lutas corpo-a-corpo, manuseio de armas de fogo, além de ter racionalidade estratégica. No episódio piloto, as emoções que aprofundam a representação da personagem, ocorrem em cenas dramáticas de Diana lidando com o marido dependente químico, ou quando é apresentada como uma mãe bastante amorosa e presente.

No primeiro episódio, vemos em Diana a representação de uma mulher branca, magra e de cabelos pretos lisos. Ela é apresentada vestindo ternos, camisetas em tons escuros ou neutros, jaquetas de couro ou calças jeans e, por vezes, em falas apresenta aversão à exageros ao cuidado estético. É possível interpretarmos que sua imagem foi construída para representar uma mulher madura, séria, responsável e determinada, principalmente quando é apresentada em ambientes de trabalho e quando está tomando decisões. Porém, em ambientes domésticos e em cenas de vulnerabilidade, ela aparece trajando vestidos, saias, decotes e saltos.

Ao definir o estereótipo da *Femme Furiosa*, Cantuária (2024) brinca dizendo que “é curioso, por que a gente nunca ouviu falar em personagem masculino forte”<sup>6</sup>, revelando, assim, as nuances machistas que há na concepção deste determinado estereótipo narrativo. Essa fala da roteirista, conversa com o incomodo da atriz Emilia Clarke ao termo “forte” para personagens femininas: “Se não é forte, é o que? Você está me dizendo que há uma outra opção, uma opção fraca?”<sup>7</sup>. Já a atriz britânica Emily Blunt, comenta que ao interpretar este tipo de estereótipo: “você passa o tempo todo agindo de forma durona e dizendo coisas duronas”<sup>8</sup>.

Ainda na trilha de narrativas televisivas seriadas policiais, temos a série *Rotas do Ódio*, exibida em 2018 pela Universal TV. Na série, a atriz Mayana Neiva dá vida a Carolina, a chefe da Delegacia de Repressão aos Crimes Raciais e Delitos de Intolerância. Junto de sua equipe, ela investiga os crimes da gang neonazista "Falange Branca", que ataca grupos

---

<sup>6</sup> Fala gravada e transcrita da roteirista Manuela Cantuária, em palestra na conferência Rio2C em 8 de junho de 2024.

<sup>7</sup> Informação obtida em: <https://www.estrelando.com.br/nota/2018/05/16/emilia-clarke-repudia-termo-usado-para-se-referir-a-personagens-femininas-226844> Acesso em 11 jun. 2024.

<sup>8</sup> Trecho da fala de Emily Blunt em entrevista ao The Telegraph. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/tv/0/meet-english-behind-scenes-bbcs-violent-new-western-emily-blunt/> Acesso em 11 jun. 2024.

---

minorizados, como homossexuais e pessoas negras (algo que nos faz lembrar das narrativas de *A Justiceira*, que também envolve a proteção de grupos sociais específicos).

Levando em conta somente o episódio piloto, Carolina é apresentada como uma mulher sisuda, decidida, que se impõe e não demonstra emoções que poderiam denotar fragilidades (porém, concordamos que essa seja uma postura necessária em sua profissão). Sua fala e postura costuma ser “duronas”, isto é, com palavras de ordem e com olhares penetrantes que destacam sua imponência. Sua imagem é de uma mulher branca de cabelos médios, castanhos e ondulados, e costuma vestir roupas sociais em tons escuros.

A trama da protagonista no primeiro episódio, foca somente em seu profissional, deixando o aprofundamento da personagem (suas emoções e motivações) para outras oportunidades. Assim, em crítica ao estereótipo da “personagem feminina forte”, questionamos: fora a personalidade compreendida como “forte” o que mais as narrativas nos apresentam sobre estas mulheres? Suas complexidades humanas são exploradas?

As funções exercidas por “personagens femininas fortes” no audiovisual são criticadas por, em casos, o roteiro se limitar somente ao estereótipo e não desenvolver a personagem verticalmente. Em texto do *The Writers Room Blog* é explicado que neste tipo de personagem,

[...] é comum vermos casos onde a personagem feminina pode tornar-se robótica e sem complexidade emocional, porque o medo dessa personagem não ser considerada “empoderada” o suficiente acaba fazendo com que os autores não explorem as fraquezas e, muito menos, a resiliência delas; ou seja, a capacidade dessas personagens de se levantarem após caírem. Assim, a sensação passada é que essas personagens não precisam evoluir, que os desafios lançados pela história não têm muita importância e, como consequência, o leitor não consegue se identificar com essas personagens e não consegue enxergá-las como humanas (The Writers Room Blog, 2023, n/p)

Podemos argumentar, também, que este estereótipo feminino vem se tornando um tropo narrativo, no caso o “*Strong Female Trope*”. O conceito de tropo em obras audiovisuais refere-se a “um dispositivo ou convenção de narrativa, um atalho para descrever situações que o contador de histórias pode razoavelmente supor que o público reconhecerá” (TV Tropes, 2018, n/p – tradução nossa).

O tropo da “personagem feminina forte” em séries policiais de ação/suspense, toma como representação algumas características imagéticas e discursivas, conforme

---

destacamos nas vestimentas, posturas e representações das protagonistas das séries *A Justiceira* e *Rotas do Ódio*. Aliás, notamos essas mesmas características também na protagonista da série *Bom dia, Verônica*, lançada em 2020 pela Netflix.

Em *Bom dia, Verônica* acompanhamos a protagonista, Verônica Torres, uma escrivã da Delegacia de Homicídios de São Paulo. Sua trama ganha fôlego quando ela decide ser mais que uma simples escrivã, e começa a investigar uma complexa rede de crimes e abusos envolvendo o desaparecimento de mulheres. Na investigação ela descobre que a autoria dos crimes é de Cláudio Brandão, um policial bem respeitado, e sua esposa, Janete, que vive em um relacionamento abusivo com este. Determinada a expor o caso, Verônica enfrenta diversos perigos enquanto tenta equilibrar sua vida pessoal – como mãe e esposa – e sua busca por justiça.

De cabelo escuro, tom de pele claro, Verônica em seu ambiente de trabalho costuma usar camisetas e calça em tons neutros (quase sempre preto e branco), jaqueta de couro e cabelo escuros soltos. Apesar desta protagonista ter semblantes sérios, posturas firmes e decisivas, seu lado emotivo/sensível é melhor explorado a partir de suas atitudes empáticas, em especial, com mulheres vítimas de violência.

A escritora Carina Chocano (2011) ao escrever sobre a “personagem feminina forte”, reflete esta representação a partir de dois vieses, um sentido seria sobre a presença cativante da personagem, e o outro sentido corresponderia a postura da personagem em cena. Com isso, a autora comenta que tem a sensação de que as pessoas costumam entender a “personagem feminina forte” como “[...] personagens femininas que são duras, frias, concisas, taciturnas” (Chocano, 2011, n/p. – tradução nossa).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste resumo expandido nos detemos em apresentar os caminhos metodológicos e a base teórica a qual nos associamos. Contudo, tivemos dificuldade em definir o estereótipo narrativo chamado de “personagem feminina forte” através de pesquisas científicas, devido escassez de pesquisas sobre este. Deste modo, recorreremos a falas e textos de profissionais do audiovisual que discorrem de forma mais enfática sobre o estereótipo.

Ao observar as definições deste estereótipo, em narrativas televisivas seriadas brasileiras, notamos repetições imagético-discursivas que transitam ao longo do tempo. Isto é, tanto *A Justiceira* de 1997, *Rotas do Ódio* de 2018 e *Bom Dia, Verônica* de 2020,

---

apresentam protagonistas mulheres policiais brancas, de cabelo escuro liso, que vestem roupas em tons escuros, que são "duronas", racionais, e que defendem grupos sociais inferiorizados. Apesar dessas repetições nota-se, também, certa profundidade sobre as narrativas pessoais dessas protagonistas, em especial ao seu lado emocional. Aliás, as personagens possuem sim emoções ou sentimentos sensíveis, mas, por vezes, o roteiro precisa ocultar essas características para que o lado "forte" da personagem seja ressaltado.

## REFERÊNCIAS

Bueno, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro**: uma possibilidade de leitura da obra *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment* (2009) a partir do conceito de imagens de controle. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Direito), Unisinos, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8966> Acesso em 26 jun. 2024

CANTUÁRIA, Manuela. Desconstruindo Estereótipos Femininos na Ficção. In: **Conferência Rio2C**, Rio de Janeiro - RJ, 08 jun., 2024. Evento disponível em: [https://www.rio2c.com/programacao\\_rio2c/desconstruindo-estereotipos-femininos-na-ficcao/](https://www.rio2c.com/programacao_rio2c/desconstruindo-estereotipos-femininos-na-ficcao/) Acesso em 11 jun. 2024.

CASTRO, Laise Lutz Condé de. **“Feminismo” para as massas**: representações femininas em seriados da Rede Globo de Televisão (1979 - 1982). Tese (Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/15875> Acesso em 21 jun. 2024.

CHOCANO, Carina. A Plague of Strong Female Characters. **The New York Times**, 1 jul. 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/07/03/magazine/a-plague-of-strong-female-characters.html> Acesso em 25 jun. 2024.

FREITAS, Thamilly. Os estereótipos da mulher forte no cinema. **SentaAi**, publicado em 20 mar. 2019. Disponível em: <http://sentaai.com/os-estereotipos-da-mulher-forte-no-cinema-e-na-tv/> Acesso em 11 jun. 2024.

The Writers Room Blog. **VAMOS FALAR SOBRE A PERSONAGEM FEMININA FORTE**. Disponível em: <https://thewritersroomblog.tumblr.com/post/645108681851240448/vamos-falar-sobre-a-personagem-feminina-forte> Acesso em 11 jun. 2024.

TV TROPES. **The all devouring pop-culture wiki**. 2018. Disponível em: <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/Tropes> Acesso em 25 jun. 2024.